THE MELANIE KLEIN TRUST
Membros
Hanna Segal, M.B., Ch.B., F.R.C. Psych. (Presidente)
Mrs. Elizabeth Spillius, Ph.D. (Secretária)
Eric Brenman, M.B., B.S., D.P.M., M.R.C.S., L.R.C.P., M.R.C. Psych.
Michael Feldman, M.B., B.S., F.R.C. Psych.
Miss Betty Joseph
Mrs. Edna O'Shaughnessy, B.A., B. Phil.
Mrs. Ruth Riesenberg Malcolm, B.A.
Dr. John Steiner, M.B., B.S., F.R.C. Psych.
Assistente Editorial do Melanie Klein Trust: J. MacGibbon

Equipe de Realização da Edição Brasileira

Tradutores: Belinda H. Mandelbaum, Maria Elena Salles de Brito, Octávio L. de Barros Salles, Maria Tereza B. Marcondes Godoy, Viviana S. S. Starzynski, Wellington Marcos de Melo Dantas
Revisão Técnica: Elizabeth Lima da Rocha Barros, Liana Pinto Chaves e Maria Elena Salles de Brito
Editor de Texto: José Ferreira
Capa: João Batista da Costa Aguiar – sobre "MADONA I BAMBINO" de Michelangelo
Coodenadora da Tradução: Liana Pinto Chaves
Coordenador Editorial: Elias Mallet da Rocha Barros

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

K72i
Klein, Melanie, 1882-1960
Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963) / Melanie Klein: tradução da 4ª ed. inglesa; Elias Mallet da Rocha, Liana Pinto Chaves (coordenadores) e colaboradores. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

(As Obras Completas de Melanie Klein; v. 3)

Tradução de: Envy and gratitude and other works.
Apêndice.
Bibliografia.
Índice.
ISBN 85-312-0135-7

1. Klein, Melanie, 1882-1960. 2. Psicanálise. I. Título. II. Série.

91-0081
CDD – 150.195
CDU – 159.964.2

1,65

MELANIE KLEIN

INVEJA E GRATIDÃO
E OUTROS TRABALHOS
1946 - 1963

VOLUME III DAS OBRAS COMPLETAS DE MELANIE KLEIN

Coodernação Editorial: Elias M. da Rocha Barros
Coordenadora da Tradução: Liana Pinto Chaves

Tradutores
Belinda H. Mandelbaum, Maria Elena Salles de Brito,
Octávio L. de Barros Salles, Maria Tereza B. Marcondes Godoy,
Viviana S. S. Starzynski, Wellington Marcos de Melo Dantas

Comissão Editorial Brasileira
Elias M. da Rocha Barros, Elizabeth L. da Rocha Barros,
Liana Pinto Chaves, Maria Elena Salles de Brito

IMAGO EDITORA
– Rio de Janeiro –

2

SOBRE A TEORIA DA ANSIEDADE E DA CULPA (1948)

Nota Explicativa da Comissão Editorial Inglesa

Uma série de Discussões sobre as Controvérsias relativas à obra de Melanie Klein foi organizada na Sociedade Psicanalítica Britânica durante 1943 e 1944. Suas concepções foram representadas por quatro artigos: um apresentado por ela própria, "The Emotional Life and Ego Development of the Infant with Special Reference to the Depressive Position", e três outros por duas colegas – "The Nature and Function of Phantasy" por Susan Isaacs, "Some Aspects of the Rôle of Introjection and Projection" por Paula Heimann e um artigo sobre "Regressão" apresentado conjuntamente por Susan Isaacs e Paula Heimann. Três artigos se desenvolveram a partir do trabalho apresentado por Melanie Klein naquela ocasião: este, "Sobre a Teoria da Ansiedade e da Culpa", e também "Algumas Conclusões Teóricas Relativas à Vida Emocional do Bebê" e "Sobre a Observação do Comportamento de Bebês". Esses três, junto com "Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides", que Melanie Klein apresentou à Sociedade Britânica em 1946, foram publicados em 1952 em *Developments in Psycho-Analysis*, que incluía também versões ampliadas dos artigos apresentados por Susan Isaacs e Paula Heimann, bem como dois artigos de Joan Riviere nas Discussões sobre as Controvérsias. O livro é, portanto, um registro permanente da teoria kleiniana daquele tempo.

O interesse do presente artigo não está em novas concepções, uma vez que, à parte uma retificação abaixo comentada, todas as concepções aqui afirmadas vêm de escritos anteriores a que a própria Melanie Klein se refere no texto. Está, mais exatamente, no fato de que, embora por vinte e cinco anos ela tenha encarado a ansiedade como um fator psicológico crucial e dedicado muita reflexão e trabalho para a sua compreensão, este é o seu primeiro e único artigo dedicado inteiramente ao assunto. Isso o torna uma reunião muito bem-vinda de todas as suas teorias sobre a ansiedade e a culpa, incluindo pontos de derivação, concordância e diferença com Freud. Dá-se aqui uma discussão completa do medo da morte, onde ela afirma, contrariamente a Freud, que o medo da morte é a mais fundamental de todas as ansiedades.

Há uma retificação – a primeira de uma série – à explicação da culpa que é dada em "Uma Contribuição à Psicogênese dos Estados Maníaco-Depressivos"

(1935), onde ela afirma que a culpa ocorre primeiro na posição depressiva, em relação a objetos totais. Sua nova concepção é que a culpa é vivenciada antes disso em estados transitórios de integração em relação a objetos parciais. Mais tarde, em *Inveja e Gratidão*, sugere que a inveja excessiva leva a um sentimento de culpa prematuro, que confunde a elaboração das ansiedades da posição esquizo-paranóide, e em "Uma Nota sobre a Depressão no Esquizofrênico" (1960), descreve uma forma de culpa e depressão prematuras, específicas da esquizofrenia. Assim, sua concepção final da posição esquizo-paranóide inclui ansiedades depressivas subsidiárias, o análogo de sua concepção de que a posição depressiva envolve também ansiedades paranóides.

2

SOBRE A TEORIA DA ANSIEDADE E DA CULPA (1948)

Minhas conclusões a respeito da ansiedade e da culpa foram evoluindo gradualmente, ao longo de vários anos; talvez seja útil retraçar alguns dos passos através dos quais a elas cheguei.

I

Com referência às origens da ansiedade, Freud de início apresentou a hipótese de ela surgir de uma transformação direta da libido. Em *Inhibitions, Symptoms and Anxiety*, reexaminou suas diversas teorias sobre a origem da ansiedade. Em suas próprias palavras: "Proponho-me a coligir, bem imparcialmente, todos os fatos que já sabemos sobre a ansiedade, sem com isso esperar chegar a uma nova síntese" (*S.E.* 20, pág. 132). Reafirmou que a ansiedade surge da transformação direta da libido, mas dessa vez pareceu atribuir menos importância a esse aspecto "econômico" da gênese da ansiedade. Precisou essa concepção com as seguintes afirmações: "Penso que a questão toda pode ser esclarecida se assumirmos o compromisso com a asserção inequívoca de que, como resultado da repressão, o esperado curso do processo excitatório no id não chega a ocorrer de modo algum; o ego consegue inibi-lo ou defleti-lo. Sendo assim, desaparece o problema da transformação do afeto sob repressão" (pág. 91). E: "O problema de como surge a ansiedade vinculada à repressão pode não ser nada simples, mas podemos legitimamente sustentar com firmeza a idéia de que a sede de fato da ansiedade é o ego, e abandonar nossa concepção anterior de que a energia de investimento do impulso reprimido é automaticamente transformada em ansiedade" (pág. 93).

Com respeito às manifestações de ansiedade em crianças pequenas, Freud afirmou que a ansiedade é causada pelo fato de a criança "sentir falta de alguém a quem ama e por quem anseia" (pág. 136). Com relação à ansiedade mais fundamental da menina, descreveu o medo infantil da perda do amor, numa formulação que, até certo ponto, parece aplicar-se a

crianças de ambos os sexos: "Se a mãe estiver ausente ou houver retirado o amor que sentia pelo filho, este não mais tem certeza da satisfação de suas próprias necessidades e talvez fique exposto às mais aflitivas sensações de tensão" (*S.E.* 22, pág. 87).

Em *New Introductory Lectures*, referindo-se à teoria de que a ansiedade surge de uma transformação da libido não-satisfeita, Freud disse que essa teoria "encontrou respaldo em algumas fobias de crianças pequenas, de ocorrência bastante comum. . . As fobias infantis e a expectativa de ansiedade, na neurose de ansiedade, nos oferecem dois exemplos de um modo pelo qual se origina a ansiedade neurótica: por transformação direta da libido" (*S.E.* 22, págs. 82-83).

Podem-se tirar duas conclusões – às quais retornarei mais adiante – dessas passagens e de outras similares: (a) em crianças pequenas, é a excitação libidinal não-satisfeita que se converte em ansiedade; (b) o *conteúdo* mais arcaico de ansiedade é a sensação de perigo experimentada pelo bebê de que suas necessidades não sejam satisfeitas porque a mãe está "ausente".

II

Com respeito à culpa, Freud sustentava que ela tem sua origem no complexo de Édipo e que surge em decorrência dele. Há passagens, entretanto, nas quais Freud claramente fez referência a conflito e culpa que surgem num estágio de vida muito anterior. Escreveu: ". . . o sentimento de culpa é uma expressão do conflito devido à ambivalência, da *eterna luta entre Eros e a pulsão de destruição ou de morte*" (grifo meu). E ainda: ". . . como resultado do *conflito inato suscitado da ambivalência* (grifo meu), da eterna luta entre as tendências de amor e de morte, há . . . um aumento do sentimento de culpa"[1].

Além disso, ao falar da concepção proposta por determinados autores de que a frustração aumenta o sentimento de culpa, disse: "Pois como explicar, dinâmica e economicamente, um aumento do sentimento de culpa que aparece em lugar de uma exigência *erótica* não-satisfeita? Isso só parece ser possível de um modo indireto – ou seja, se supusermos que o impedimento de uma satisfação erótica desperta um tanto de agressividade contra quem obstaculizou a satisfação, e que essa agressividade, por sua vez, tem que ser suprimida. Porém, se assim for, *no fim das contas o que se transforma em sentimento de culpa é tão-somente a agressividade*, por ser suprimida e trasladada para o superego. Estou convencido de que

[1] *Civilization and its Discontents*, *S.E.* 21, págs. 132-133.

muitos processos comportarão uma explicação mais simples e mais clara, se as descobertas da Psicanálise, com relação à derivação do sentimento de culpa, se restringirem às pulsões agressivas" (grifo meu)[2].

Aqui, Freud inequivocamente afirmou que a culpa provém da agressão, e isso, junto com as frases citadas acima ("o conflito inato da ambivalência"), apontaria no sentido de a culpa surgir num estágio muito inicial do desenvolvimento. No entanto, tomando-se as concepções de Freud como um todo, tal como as encontramos uma vez mais sintetizadas em *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis*, ficará claro que manteve a hipótese de que a culpa se inicia em decorrência do complexo de Édipo. Abraham, especialmente em seu estudo da organização libidinal[3], lançou muita luz sobre as fases mais arcaicas do desenvolvimento. Suas descobertas no campo da sexualidade infantil estavam ligadas a uma nova abordagem da origem da ansiedade e da culpa. Abraham propôs que "no estágio de narcisismo com alvo sexual canibalesco, a primeira evidência de inibição pulsional aparece sob a forma de ansiedade mórbida. O processo de superação dos impulsos canibalescos está intimamente associado a um sentimento de culpa que vem para primeiro plano como um fenômeno inibitório típico, pertencente ao terceiro estágio (primeiro estágio sádico-anal)[4].

Abraham, desse modo, contribuiu substancialmente para a nossa compreensão das origens da ansiedade e da culpa, uma vez que foi o primeiro a apontar a ligação entre a ansiedade e a culpa e os desejos canibalescos. Comparou seu esquema sumário do desenvolvimento psicossexual a um "horário de trens expressos do qual constam apenas as estações maiores onde eles param". Sugeriu que as "paradas intermediárias não podem ser assinaladas num resumo desse gênero"[5].

III

Meu próprio trabalho não só corroborou as descobertas de Abraham sobre a ansiedade e a culpa, e mostrou a importância delas na devida perspectiva, como também as desenvolveu ainda mais ao juntá-las a vários fatos novos descobertos nas análises de crianças pequenas.

Ao analisar as situações de ansiedade infantis, reconheci a importância fundamental das fantasias e impulsos sádicos, provenientes de todas as

[2] *Loc cit.*, pág. 138. No mesmo livro (pág. 130), Freud aceitou minha hipótese (expressa nos trabalhos "Early Stages of the Oedipus Conflict", 1928, e "A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego", 1930) de que a severidade do superego resulta até certo ponto da agressividade da criança projetada sobre o superego.

[3] "A Short Study of the Development of the Libido, Viewed in the Light of Mental Disorders".

[4] *Loc cit.*, pág. 496.

[5] *Loc cit.*, págs. 495-6.

fontes, que confluem e atingem um auge nos estágios mais iniciais do desenvolvimento. Pude também ver que os processos iniciais de projeção e introjeção conduzem ao estabelecimento, dentro do ego, de objetos extremamente "bons", lado a lado com objetos extremamente assustadores e persecutórios. Essas figuras são concebidas à luz das fantasias e impulsos agressivos do próprio bebê; isto é, ele projeta sua própria agressividade nas figuras internas que fazem parte de seu superego arcaico. À ansiedade proveniente dessas fontes acrescenta-se a culpa derivada dos impulsos agressivos do bebê contra seu primeiro objeto amado, tanto externo quanto internalizado[6].

Em um artigo posterior[7] ilustrei, com um caso extremo, os efeitos patológicos da ansiedade despertada em bebês por seus impulsos destrutivos, e concluí que as primeiras defesas do ego (no desenvolvimento normal, assim como no anormal) se dirigem contra a ansiedade suscitada pelas fantasias e impulsos agressivos[8].

Alguns anos mais tarde, na tentativa de chegar a uma compreensão mais ampla das fantasias sádicas infantis e suas origens, fui levada a aplicar a hipótese de Freud referente à luta entre as pulsões de vida e de morte ao material clínico obtido na análise de crianças pequenas. Todos lembramos que Freud disse: "As perigosas pulsões de morte são tratadas de várias maneiras dentro do indivíduo: tornam-se em parte inofensivas ao se fundirem com componentes eróticos: são em parte desviadas para o mundo exterior, sob a forma de agressão; ao mesmo tempo que, em grande medida, indubitavelmente continuam seu trabalho interno, livres de empecilhos"[9].

Seguindo essa linha de pensamento, propus a hipótese[10] de que a ansiedade é despertada pelo perigo proveniente da pulsão de morte que ameaça o organismo; e sugeri que essa é a causa primordial da ansiedade. A descrição de Freud da luta entre as pulsões de vida e de morte (luta que leva à deflexão, para fora, de uma parcela da pulsão de morte, e à fusão das duas pulsões) apontaria para a conclusão de que a ansiedade tem origem no medo da morte.

Em seu artigo sobre o masoquismo[11], Freud tirou algumas conclusões fundamentais acerca das conexões entre o masoquismo e a pulsão de morte, e considerou sob essa luz as várias ansiedades resultantes da ativi-

[6] Cf. meu artigo "Estágios Iniciais do Conflito Edípico" (1928).

[7] "A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego" (1930).

[8] Lidei com esse problema mais plenamente, e sob vários ângulos, em meu livro *A Psicanálise de Crianças*, Capítulos 8 e 9.

[9] *"The Ego and The Id"* (1923), *S.E.* 19, pág. 54.

[10] Cf. *The Psycho-Analysis of Children*, págs. 126-27.

[11] "The Economic Problem of Masochism" (1924). Neste trabalho Freud aplicou pela primeira vez a nova classificação das pulsões a problemas clínicos. "O masoquismo moral tornou-se assim uma prova clássica da existência da fusão das pulsões" (*S.E.* 19, pág. 170).

dade da pulsão de morte voltada para dentro[12]. Dentre essas ansiedades não mencionou, no entanto, o medo da morte.

Em *Inhibitions, Symptoms and Anxiety*, Freud expôs suas razões para não considerar o medo da morte (ou o temer pela vida) uma ansiedade primária. Baseou este ponto de vista em sua observação de que "o inconsciente parece não conter nada que possa dar qualquer conteúdo ao nosso conceito de aniquilamento da vida" (*S.E.* 20, pág. 129). Assinalou que nada que se assemelhe à morte jamais pode ter sido experimentado, com exceção talvez do desmaio, e concluiu que "o medo da morte deve ser considerado análogo ao medo da castração".

Não partilho esse ponto de vista, porque minhas observações analíticas mostram que há, no inconsciente, um medo do aniquilamento da vida. Inclino-me a pensar também que, se presumirmos a existência de uma pulsão de morte, deveremos também presumir que haja uma resposta a essa pulsão nas camadas mais profundas da mente, sob a forma de medo do aniquilamento da vida. Assim, em minha concepção, o perigo resultante do trabalho interno da pulsão de morte é a primeira causa de ansiedade[13]. Uma vez que a luta entre as pulsões de vida e de morte persiste a vida inteira, essa fonte de ansiedade jamais é eliminada, e entra como um fator permanente em todas as situações de ansiedade.

O ponto por mim sustentado de que a ansiedade se origina no medo de aniquilamento provém da experiência acumulada nas análises de crianças pequenas. Quando, em tais análises, as situações de ansiedade mais arcaicas do bebê são revividas e repetidas, a força inerente de uma pulsão, em última instância dirigida contra o *self*, pode ser detectada com tal clareza, que sua existência parece indubitável. Isso continua sendo verdade, mesmo que se leve em conta o papel que a frustração, interna e externa, desempenha nas vicissitudes dos impulsos destrutivos. Este não é o lugar para evidências pormenorizadas em favor do meu argumento, mas citarei, a título de ilustração, um exemplo que mencionei no livro *The Psycho-Analysis of Children* (pág. 127). Um menino de cinco anos costumava fazer de conta que possuía os tipos mais variados de animais selvagens – tais como elefantes, leopardos, hienas e lobos – para ajudá-lo contra seus inimigos. Representavam objetos perigosos – perseguidores – que ele havia domado e podia usar como proteção contra os inimigos. Mas apareceu na análise que eles também expressavam seu próprio sadismo, cada animal indicando uma fonte específica de sadismo e os órgãos usados para esse fim. Os elefantes simbolizavam seu sadismo muscular, os impulsos de espezinhar e pisotear. Os leopardos dilaceradores representavam seus dentes e unhas, e as funções destes em seus ataques. Os lobos simbolizavam seus

[12] *Loc cit.*, pág. 164.

[13] Ver "Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides". Em 1946 cheguei à conclusão de que essa situação primordial de ansiedade desempenha um papel importante na esquizofrenia.

excrementos investidos de propriedades destrutivas. Por vezes ficava muito atemorizado de que os animais selvagens que domara se voltassem contra ele e o exterminassem. Esse medo expressava o sentimento de estar sendo ameaçado por sua própria destrutividade (bem como por perseguidores internos).

Conforme ilustrei com esse exemplo, a análise das ansiedades que surgem em crianças pequenas muito nos ensina a respeito das formas sob as quais o medo da morte existe no inconsciente, ou seja, sobre o papel desempenhado por esse medo nas várias situações de ansiedade. Já mencionei o trabalho de Freud intitulado "The Economic Problem of Masochism", que se baseou em sua nova descoberta da pulsão de morte. Tomemos a primeira situação de ansiedade por ele enumerada:[14] "O medo de ser devorado pelo animal totêmico (pai)". Esse temor é, a meu ver, uma clara expressão do medo do total aniquilamento do *self*. O medo de ser devorado pelo pai advém da projeção do impulso do bebê de devorar seus próprios objetos. Desse modo, em primeiro lugar o seio materno (e a mãe) torna-se, na mente do bebê, um objeto devorador[15], e esses medos logo se estendem ao pênis do pai e ao pai. Ao mesmo tempo, uma vez que devorar implica desde o início a internalização do objeto devorado, o sentimento é de que o ego contém dentro de si os objetos devorados e devoradores. Conseqüentemente, o superego é constituído a partir do seio (mãe) devorador, a que se acrescenta o pênis (pai) devorador. Essas figuras internas, cruéis e perigosas, tornam-se os representantes da pulsão de morte. Simultaneamente, forma-se o outro aspecto do superego arcaico, em primeiro lugar a partir do seio bom internalizado (a que se acrescenta o pênis bom do pai), que é sentido como um objeto interno que nutre e ajuda, e como o representante da pulsão de vida. O medo de ser aniquilado inclui a ansiedade de que o seio bom interno seja destruído, pois esse objeto é sentido como indispensável à preservação da vida. A ameaça ao *self*, resultante do trabalho interno da pulsão de morte, está ligada à percepção dos perigos advindos da mãe e do pai devoradores internalizados, e equivale ao medo da morte.

Segundo essa concepção, desde o início o medo da morte se imiscui no medo ao superego, e não é, como Freud afirmava, uma "transformação final" do medo ao superego[16].

Focalizando outra situação básica de perigo, mencionada por Freud em seu trabalho sobre o masoquismo, isto é, o medo da castração, sugeri-

[14] *S.E.* 19, pág. 165.

[15] Cf. exemplos fornecidos no trabalho de Isaacs (1952): o menino que disse que o seio da mãe o mordera e a menina que pensava que o sapato da mãe iria devorá-la.

[16] *Inhibitions, Symptoms and Anxiety* (*S.E. 20*, pág. 140).

ria que o medo da morte se imiscui no medo da castração e o reforça, e não é "análogo" a este[17]. Uma vez que o genital não é apenas a fonte da gratificação libidinal mais intensa mas também o representante de Eros, e uma vez que a reprodução é o modo fundamental de contrabalançar a morte, a perda do genital significaria o fim do poder criativo, que preserva e dá continuidade à vida.

IV

Se tentarmos visualizar de forma concreta a ansiedade primária – medo do aniquilamento –, devemos nos lembrar do desamparo do bebê frente aos perigos internos e externos. Sugiro que a situação de perigo primária, decorrente da atividade interna da pulsão de morte, é por ele sentida como um ataque avassalador, como perseguição. Consideremos primeiro, a esse respeito, alguns dos processos que resultam da deflexão da pulsão de morte para fora e as maneiras pelas quais influenciam as ansiedades relacionadas às situações externas e internas. Podemos presumir que a luta entre as pulsões de vida e de morte já está em atividade por ocasião do nascimento e acentua a ansiedade persecutória provocada por essa dolorosa experiência. Ao que parece, essa experiência tem por efeito fazer com que o mundo externo, inclusive o primeiro objeto externo (o seio materno), pareça hostil. O fato de o ego voltar os impulsos destrutivos contra esse objeto primário contribui para isso. O bebê sente que a frustração produzida pelo seio, que em realidade implica risco de vida, é a retaliação por seus impulsos destrutivos contra ele, e crê que o seio frustrador o persegue. Além disso, projeta, sobre o seio, seus impulsos destrutivos, ou seja, deflete para fora a pulsão de morte; e, dessa maneira, o seio atacado se torna o representante externo da pulsão de morte[18]. O seio "mau" é também introjetado, e isso agrava, conforme se pode presumir, a situação de perigo interna, ou seja, o medo da atividade interna da pulsão de morte. Pois, através da internalização do seio "mau", a parcela da pulsão de morte que havia sido defletida para fora, com todos os perigos a ela associados, de novo se volta para dentro e o ego vincula ao objeto interno mau o medo de seus próprios impulsos destrutivos. É possível que esses

[17] Para uma discussão pormenorizada das fontes de ansiedade que interagem com o medo à castração, ver meu trabalho "The Oedipus Complex in the Light of Early Anxieties", *Obras Completas de Melanie Klein*, Vol. I.

[18] Em meu livro *The Psycho-Analysis of Children* (págs. 124 e segs.), sugeri que as dificuldades mais iniciais dos bebês com a alimentação constituem uma manifestação de temores persecutórios. (Referia-me às dificuldades de amamentação que surgem apesar de o leite materno ser abundante e nenhum fator externo parecer impedir uma situação satisfatória de aleitamento.) Concluí que tais medos persecutórios, quando excessivos, levam a uma inibição, de amplas conseqüências, dos desejos libidinais. Cf. também meu trabalho intitulado "A Vida Emocional do Bebê".

processos ocorram simultaneamente e, por conseguinte, a descrição que deles faço não deve ser considerada um relato cronológico. Em síntese: devido à projeção, o seio externo frustrador (mau) torna-se o representante externo da pulsão de morte; através da introjeção, ele reforça a situação de perigo interna primordial; isso leva a uma maior premência, por parte do ego, de defletir (projetar) para o mundo externo os perigos internos (basicamente, a atividade da pulsão de morte). Há, portanto, uma constante flutuação entre o medo dos objetos maus internos e dos externos, entre a pulsão de morte que atua dentro e a que é defletida para fora. Aqui vemos um aspecto importante da interação, desde o começo da vida, entre projeção e introjeção. Os perigos externos são vivenciados à luz dos perigos internos, e são, portanto, intensificados; por outro lado, qualquer perigo que ameace a partir do exterior intensifica a perene situação de perigo interno. Essa interação continua a existir, em certa medida, a vida inteira. O próprio fato de a luta ter, até certo ponto, sido externalizada alivia a ansiedade. A externalização de situações de perigo internas é um dos primeiros métodos de defesa do ego, e permanece fundamental no desenvolvimento.

A atividade da pulsão de morte defletida para fora, assim como seu trabalho interno, não pode ser considerada separadamente da atividade simultânea da pulsão de vida. Lado a lado com a deflexão para fora da pulsão de morte, a pulsão de vida – por meio da libido – prende-se ao objeto externo, o seio gratificador (bom), que se torna o representante externo da pulsão de vida. A introjeção desse objeto bom reforça o poder da pulsão de vida internamente. O seio bom internalizado, sentido como a fonte da vida, constitui uma parte vital do ego, e sua preservação torna-se uma necessidade imperiosa. A introjeção desse primeiro objeto amado está, portanto, ligada, indissoluvelmente, a todos os processos gerados pela pulsão de vida. O seio bom internalizado e o seio mau devorador formam o núcleo do superego, em seus aspectos bons e maus; são os representantes, no interior do ego, da luta entre as pulsões de vida e de morte.

O segundo objeto parcial importante a ser introjetado é o pênis do pai, a que também são atribuídas tanto qualidades boas quanto más. Esses dois objetos perigosos – o seio mau e o pênis mau – são os protótipos dos perseguidores internos e externos. Experiências de natureza dolorosa, frustrações advindas de fontes internas e externas, vividas como perseguição, são primariamente atribuídas aos objetos perseguidores internos e externos. Em todas essas experiências, a ansiedade persecutória e a agressão se reforçam mutuamente. Isso porque, embora o impulso agressivo do bebê desempenhe, por meio da projeção, um papel fundamental na sua construção de figuras persecutórias, essas próprias figuras aumentam sua ansiedade persecutória e, por sua vez, reforçam seus impulsos e fantasias agressivos contra os objetos externos e internos sentidos como perigosos.

As perturbações paranóides em adultos baseiam-se, a meu ver, na ansiedade persecutória experimentada nos primeiros meses de vida. No paciente paranóide, a essência de seus temores à perseguição está no sentimento de que existe uma instância hostil determinada a lhe infligir sofrimento, danos e, por fim, aniquilação. Essa instância persecutória poderá ser representada por uma ou várias pessoas, ou mesmo pelas forças da natureza. São inúmeras, e em cada caso específicas, as formas que o temido ataque pode assumir; mas a raiz do medo persecutório no indivíduo paranóide é, creio eu, o medo de aniquilamento do ego – em última análise, pela ação da pulsão de morte.

V

Examinarei agora, mais especificamente, a relação entre culpa e ansiedade e, a esse respeito, reexaminarei, em primeiro lugar, algumas das concepções de Freud e Abraham a respeito da ansiedade e da culpa. Freud abordou o problema da culpa a partir de dois ângulos principais. Por um lado, não deixou a menor dúvida de que a ansiedade e a culpa estão estreitamente interligadas. Por outro lado, chegou à conclusão de que o termo "culpa" só é aplicável às manifestações de consciência resultantes do desenvolvimento do superego. O superego, conforme sabemos, passa a existir, a seu ver, como uma conseqüência do complexo de Édipo. Por conseguinte, em se tratando de crianças de menos de quatro ou cinco anos, os termos "consciência" e "culpa", a seu ver, ainda não se aplicam, e a ansiedade dos primeiros anos de vida é distinta da culpa[19].

Segundo Abraham (1924), a culpa surge na superação dos impulsos canibalescos – isto é, agressivos – por ocasião do primeiro estágio sádico-anal (ou seja, numa idade bem mais recuada do que Freud supunha); mas ele não levou em conta a diferenciação entre ansiedade e culpa. Ferenczi, que também não se preocupou com a distinção entre ansiedade e culpa, sugeriu que algo semelhante à culpa surge durante o estágio anal. Concluiu que é possível que haja uma espécie de precursor fisiológico do superego, a que denominou "moralidade esfincteriana"[20].

Ernest Jones (1929) tratou da interação entre ódio, medo e culpa. Diferenciou duas fases no desenvolvimento da culpa e propôs, para o primeiro estágio, a denominação "estágio pré-nefário da culpa". Ligou-o aos estágios pré-genitais sádicos do desenvolvimento do superego, e afirmou que a culpa está "sempre e inevitavelmente associada ao impulso de ódio". O segundo estágio é ". . . o estágio de culpa propriamente dita, cuja função é proteger contra os perigos externos".

No trabalho "A Contribution to the Psychogenesis of Manic-Depressive States", diferenciei duas modalidades básicas de ansiedade – a persecutória e a depressiva –, mas assinalei que a distinção entre ambas de modo algum é nítida. Tendo em vista essa limitação, penso que a diferenciação entre as duas formas de ansiedade é valiosa tanto sob o aspecto teórico como do ponto de vista prático. No trabalho acima mencionado, cheguei à conclusão de que a ansiedade persecutória se relaciona predominantemente ao aniquilamento do ego; a ansiedade depressiva está vinculada predominantemente ao dano feito aos objetos amados, internos e externos, pelos impulsos destrutivos do sujeito. A ansiedade depressiva tem variados conteúdos, tais como: o objeto bom está ferido, está sofrendo, está num estado de deterioração; transformou-se num objeto mau; está aniquilado, está perdido e nunca mais estará presente. Também concluí que a ansiedade depressiva se acha estreitamente ligada à culpa e à tendência a fazer reparação.

Quando apresentei pela primeira vez o conceito de posição depressiva no trabalho referido acima, sugeri que a ansiedade depressiva e a culpa surgiam com a introjeção do objeto como um todo. Meu trabalho posterior sobre a posição esquizo-paranóide[21] – a qual precede a posição depressiva – levou-me à conclusão de que, embora no primeiro estágio os impulsos destrutivos e a ansiedade persecutória predominem, a ansiedade depressiva e a culpa já desempenham algum papel na relação de objeto mais arcaica do bebê, ou seja, na relação deste com o seio materno.

Durante a posição esquizo-paranóide, isto é, nos primeiros três a quatro meses de vida, os processos de cisão – que envolvem a cisão do primeiro objeto (o seio), bem como dos sentimentos para com este – atingem seu auge. O ódio e a ansiedade persecutória prendem-se ao seio frustrador (mau), e o amor e o reasseguramento, ao seio gratificador (bom). Entretanto, mesmo nesse estágio, tais processos de cisão jamais são plenamente eficazes, pois, desde o começo da vida, o ego tende a integrar-se e a sintetizar os diversos aspectos do objeto. (Pode-se considerar

[19] Tem-se uma referência significativa à conexão entre ansiedade e culpa na seguinte passagem: "Aqui talvez possamos nos alegrar de ter assinalado que o sentimento de culpa no fundo nada mais é que uma variante topográfica da ansiedade" (*Civilization and its Discontents S.E.* 21, pág. 135). Por outro lado, Freud distingue, claramente, ansiedade e culpa. Ao discutir o desenvolvimento do sentimento de culpa, diz, com referência ao uso do termo "culpa" em relação às manifestações de "consciência pesada": "Este estado de espírito é chamado de 'consciência pesada'; mas na verdade não merece tal nome, porquanto nesse estágio o sentimento de culpa é, claramente, apenas um medo da perda do amor, ansiedade 'social'. Em crianças pequenas jamais pode ser qualquer coisa além disso, mas no caso de muitos adultos, também, semelhante sentimento só se alterou na medida em que o lugar do pai, ou dos dois genitores, é assumido pela comunidade humana mais ampla. . . . Dá-se uma grande mudança somente quando se internaliza a autoridade através da instalação de um superego. Os fenômenos de consciência atingem então um estágio mais elevado. Em realidade, só depois disso é que se pode falar em consciência ou em sentimento de culpa" (*S.E.* 21, págs. 124-5).

[20] Ferenczi, "Psycho-Analysis of Sexual Habits" (1905), pág. 267.

[21] "Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides".

essa tendência como uma expressão da pulsão de vida.) Mesmo em bebês muito pequenos parece haver estados transitórios de integração – os quais se tornam mais freqüentes e duradouros à medida que o desenvolvimento prossegue – em que a cisão entre o seio bom e o mau é menos acentuada.

Nesses estados de integração, dá-se certa síntese entre o amor e o ódio em relação aos objetos parciais, síntese que, segundo minha concepção atual, origina a ansiedade depressiva, a culpa e o desejo de reparar o objeto amado danificado – em primeiro lugar, o seio bom[22]. Isso equivale a dizer que eu agora vinculo o surgimento da ansiedade depressiva à relação com objetos parciais. Essa modificação é resultado de trabalho ulterior a respeito dos estágios mais arcaicos do ego e de um reconhecimento maior do caráter gradativo do desenvolvimento emocional do bebê. Não há mudança alguma em minha concepção de que a base da ansiedade depressiva é a síntese entre os impulsos destrutivos e os sentimentos de amor em relação a um *único* objeto.

Consideremos, em seguida, até que ponto essa modificação influencia o conceito de posição depressiva. Descreveria atualmente essa posição da seguinte maneira: durante o período que se estende dos três aos seis meses, ocorre um progresso considerável na integração do ego. Têm lugar importantes mudanças no que diz respeito à natureza das relações de objeto do bebê e dos seus processos de introjeção. O bebê percebe e introjeta a mãe cada vez mais como uma pessoa inteira. Isto implica uma identificação maior e uma relação mais estável com ela. Embora esses processos se concentrem principalmente na mãe, a relação do bebê com o pai (e outras pessoas em seu ambiente) passa por mudanças semelhantes, e o pai também se estabelece em sua mente como uma pessoa inteira. Ao mesmo tempo, os processos de cisão diminuem de intensidade e se relacionam, predominantemente, a objetos totais, ao passo que, no estágio anterior, vinculavam-se basicamente a objetos parciais.

Aspectos contrastantes do objeto, e sentimentos, impulsos e fantasias conflitantes em relação a eles, aproximam-se mais na mente do bebê. A ansiedade persecutória persiste e desempenha seu papel na posição depressiva, mas decresce quantitativamente, e a ansiedade depressiva ganha ascendência sobre a ansiedade persecutória. Como, no seu sentir, é uma *pessoa* amada (internalizada e externa) que foi danificada pelos impulsos agressivos, o bebê passa por sentimentos depressivos mais intensos, mais duradouros do que as experiências fugazes de ansiedade depressiva e culpa do estágio anterior. Mais integrado, o ego se defronta agora cada vez mais com uma realidade psíquica muito dolorosa – as queixas e repreensões provenientes do pai e da mãe danificados e internalizados, que são

[22] Devemos nos lembrar, no entanto, de que mesmo durante esse estágio as mãos e o rosto da mãe, e toda a sua presença física, entram cada vez mais na construção gradual da relação da criança com ela como pessoa.

agora objetos completos, pessoas – e se sente compelido, sob a pressão de um sofrimento maior, a lidar com essa penosa realidade psíquica. Isso leva a uma necessidade premente insopitável de preservar, consertar ou ressuscitar os objetos amados: a tendência a fazer reparação. Como método alternativo de lidar com essas ansiedades – muito provavelmente, um método simultâneo –, o ego recorre, intensamente, à defesa maníaca[23].

Os desenvolvimentos que descrevi implicam não apenas importantes mudanças qualitativas e quantitativas nos sentimentos de amor, na ansiedade depressiva e na culpa, mas também uma nova combinação de fatores, que constituem a posição depressiva.

Pode-se ver, a partir da descrição precedente, que a modificação de meus pontos de vista com respeito ao surgimento mais cedo da ansiedade depressiva e da culpa não alterou, basicamente, meu conceito de posição depressiva.

Nesta altura, gostaria de examinar mais especificamente os processos pelos quais surgem a ansiedade depressiva, a culpa e a necessidade premente de fazer reparação. A base da ansiedade depressiva é, conforme descrevi, o processo pelo qual o ego sintetiza os impulsos destrutivos e os sentimentos de amor por um único objeto. Considero a essência da culpa o sentimento de que o dano feito ao objeto amado é causado pelos impulsos agressivos do próprio indivíduo. (O sentimento de culpa do bebê poderá estender-se a todos os males que recaem sobre o objeto amado – mesmo o dano feito por seus objetos persecutórios.) A premência de desfazer ou reparar esse dano resulta do sentimento de que o próprio indivíduo o causou, ou seja, provém da culpa. Pode-se considerar, portanto, a tendência reparatória como uma conseqüência do sentimento de culpa.

Surge agora a indagação: a culpa é um elemento da ansiedade depressiva? São ambas aspectos do mesmo processo, ou uma é resultado ou manifestação da outra? Ainda que, no momento, não possa dar uma resposta clara a essa pergunta, eu sugeriria que a ansiedade depressiva, a culpa e a premência para a reparação são freqüentemente vivenciadas simultaneamente.

Parece provável que a ansiedade depressiva, a culpa e a tendência reparatória só sejam vivenciadas quando os sentimentos de amor pelo objeto predominam sobre os impulsos destrutivos. Em outras palavras, é possível presumirmos que as repetidas experiências de o amor suplantar o ódio – em última instância, de a pulsão de vida suplantar a pulsão de morte – são uma condição essencial para a capacidade do ego de integrar-se e sintetizar os aspectos antagônicos do objeto. Em tais estados ou momentos, a

[23] O conceito de defesa maníaca, e sua aplicação mais extensa à vida mental, foi tratado com certo detalhe em meus trabalhos "A Contribution to the Psychogenesis of Manic-Depressive States" e "Mourning and its Relation to Manic-Depressive States", ambos em *Obras Completas de Melanie Klein*, vol. I.

relação com os aspectos maus do objeto, incluindo a ansiedade persecutória, atenua-se.

No entanto, durante os primeiros três ou quatro meses de vida – estágio em que (de acordo com minhas concepções atuais) aparecem a ansiedade depressiva e a culpa – os processos de cisão e a ansiedade persecutória estão no auge. Por conseguinte, a ansiedade persecutória logo interfere no progresso da integração, e as experiências de ansiedade depressiva, de culpa e de reparação só podem ser de natureza transitória. Em decorrência disso, o objeto amado danificado pode rapidamente se transformar em um perseguidor, e a necessidade premente de reparar ou fazer reviver o objeto amado pode se transformar na necessidade de apaziguar e agradar um perseguidor. Mas, mesmo durante o estágio seguinte, a posição depressiva em que o ego mais integrado introjeta e estabelece cada vez mais a pessoa total, persiste a ansiedade persecutória. Durante esse período, conforme expus, o bebê vivencia não só pesar, depressão e culpa, mas também ansiedade persecutória, relacionada ao aspecto mau do superego; e as defesas contra a ansiedade persecutória coexistem, lado a lado, com as defesas contra a ansiedade depressiva.

Tenho assinalado repetidamente que a diferenciação entre as ansiedades depressiva e persecutória se baseia num conceito delimitador. Entretanto, na prática psicanalítica, vários analistas têm observado que a diferenciação entre a ansiedade persecutória e a depressiva é útil na compreensão e deslindamento das situações emocionais. Para dar um exemplo de um quadro típico com que podemos nos deparar na análise de pacientes depressivos: durante determinada sessão o paciente poderá experimentar intensos sentimentos de culpa e desespero por sua incapacidade de restaurar o dano que ele sente ter causado. Dá-se então uma mudança completa: de repente, o paciente traz material de tipo persecutório. O analista e a análise são acusados de nada fazer a não ser causar dano, mágoas que remontam a antigas frustrações são verbalizadas. Os processos subjacentes a essa mudança podem ser assim resumidos: a ansiedade persecutória tornou-se dominante, o sentimento de culpa retrocedeu, e com isso o amor pelo objeto parece ter desaparecido. Nessa situação emocional modificada, o objeto torna-se mau, não pode ser amado, e conseqüentemente os impulsos destrutivos contra ele parecem justificados. Isso significa que a ansiedade persecutória e as defesas *foram reforçadas* para permitir escapar da carga avassaladora de culpa e desespero. Em muitos casos, naturalmente, o paciente poderá revelar uma boa dose de ansiedade persecutória junto com a culpa, e a mudança para um predomínio de ansiedade persecutória nem sempre aparece tão dramaticamente como descrevi aqui. Mas em cada um desses casos a diferenciação entre ansiedade persecutória e depressiva auxilia-nos na compreensão dos processos que estamos tentando analisar.

A distinção conceitual entre ansiedade depressiva, culpa e reparação, de um lado, e ansiedade persecutória e as defesas contra ela, de outro, não só se revelou útil no trabalho analítico como também tem implicações mais amplas. Lança luz sobre diversos problemas relacionados ao estudo das emoções e do comportamento humanos[24]. Um campo em especial onde constatei ser esse conceito esclarecedor é na observação e entendimento de crianças.

Farei aqui um breve resumo da conclusão teórica a respeito da relação entre ansiedade e culpa por mim proposta nesta seção. A culpa está indissoluvelmente vinculada à ansiedade (mais exatamente, a uma forma específica de ansiedade: a depressiva); conduz à tendência reparatória e surge durante os primeiros meses de vida, em conexão com os estágios mais arcaicos do superego.

VI

A inter-relação entre o perigo interno primário e o perigo que ameaça de fora lança luz sobre o problema da ansiedade "objetiva" *versus* a "neurótica". Freud definiu a distinção entre a ansiedade objetiva e a ansiedade neurótica da seguinte maneira: "Perigo real é um perigo que é conhecido, e ansiedade realista é a ansiedade com relação a um perigo conhecido desse tipo. Ansiedade neurótica é ansiedade quanto a um perigo desconhecido. Perigo neurótico é, portanto, um perigo que ainda tem de ser descoberto. A análise mostrou que se trata de um perigo pulsional"[25]. E prossegue: "Perigo real é um perigo proveniente de um objeto externo, que ameaça o indivíduo, e perigo neurótico é aquele que o ameaça a partir de uma exigência pulsional"[26].

Em algumas conexões, entretanto, Freud referiu-se a uma interação entre essas duas fontes de ansiedade[27], e a experiência analítica em geral tem mostrado que a distinção entre a ansiedade objetiva e a neurótica não pode ser demarcada nitidamente.

Retornarei aqui à afirmação de Freud de que a ansiedade é causada pelo fato de a criança "sentir falta de alguém a quem ama e por quem anseia"[28]. Ao descrever o temor fundamental do bebê à perda, Freud dis-

[24] Em seu trabalho "Towards a Commom Aim – A Psycho-Analytical Contribution to Ethics", R. E. Money-Kyrle aplicou a distinção entre ansiedades persecutória e depressiva a atitudes com relação à ética em geral e às crenças políticas em particular, e desde então ampliou essas concepções em seu livro *Psycho-Analysis and Politics*.

[25] *Inhibitions, Symptoms and Anxiety, S.E.* 20, pág. 165.

[26] *Loc cit.*, pág. 167.

[27] Esta interação entre a ansiedade resultante de causas externas e internas é mencionada por Freud com relação a determinados casos de ansiedade neurótica. "O perigo é conhecido mas a ansiedade com relação a ele é excessiva, maior do que parece adequado. . . a análise revela que a um perigo real conhecido se liga um perigo pulsional desconhecido."

[28] *Loc cit.*, pág. 136.

se: "Ele não consegue ainda distinguir a ausência temporária da perda definitiva. *Assim que sente falta da mãe, porta-se como se nunca mais fosse revê-la;* e são necessárias repetidas experiências consoladoras em contrário, até que ele aprenda que o desaparecimento dela geralmente é seguido do seu reaparecimento"[29]. (Grifo meu.)

Noutra passagem, ao descrever o medo à perda do amor, disse que se trata "evidentemente de um prolongamento da ansiedade do bebê diante da ausência da mãe. Os senhores se darão conta de quão *real é a situação de perigo* assinalada por essa ansiedade. Se a mãe estiver ausente, ou houver retirado o amor que sentia pelo filho, este não mais tem certeza da satisfação de suas próprias necessidades e talvez fique exposto às mais aflitivas sensações de tensão"[30]. (Grifo meu.)

Entretanto, algumas páginas antes, nesse mesmo livro, Freud descreveu essa mesma situação de perigo, vista do prisma da ansiedade neurótica, o que parece evidenciar que abordava essa situação infantil de ambos os ângulos. A meu ver, essas duas fontes básicas do temor infantil à perda podem ser descritas da seguinte maneira: uma é a completa dependência da criança em relação à mãe para a satisfação de suas necessidades e o alívio de tensão. A ansiedade proveniente desta fonte poderia ser chamada de ansiedade objetiva. A outra fonte básica de ansiedade resulta do receio do bebê de que a mãe amada tenha sido destruída pelos impulsos sádicos dele, ou corra o risco de sê-lo, e esse temor – que poderia ser chamado de "ansiedade neurótica" – se relaciona à mãe como objeto externo (e interno) bom, indispensável, e concorre para o sentimento do bebê de que ela jamais voltará. Há desde o começo uma interação constante entre essas duas fontes de ansiedade; vale dizer, entre a ansiedade objetiva e a neurótica ou, em outras palavras, ansiedade de fonte externa e de fonte interna.

Além disso, se o perigo externo é, desde o início, vinculado ao perigo interno proveniente da pulsão de morte, nenhuma situação de perigo surgida de fontes externas poderá jamais ser vivenciada pelo bebezinho como um perigo puramente externo e conhecido. Porém, não é só o bebê que não consegue fazer uma diferenciação tão clara: em certa medida, a interação entre situações externas e internas de perigo persiste a vida inteira[31].

Isso ficou claramente evidenciado nas análises efetuadas na época da guerra. Viu-se que até em adultos normais a ansiedade provocada pelos ataques aéreos, bombas, incêndios, etc. – quer dizer, por uma situação

[29] *Loc cit.*, pág. 163.

[30] *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis* (1932), *S.E.* 22, pág. 87.

[31] Conforme salientei em *The Psycho-Analysis of Children*, pág. 192: "Se uma pessoa normal for submetida a grave tensão interna ou externa, ou se ficar doente ou de alguma forma falhar, podemos observar nela o funcionamento pleno e direto de suas mais profundas situações de ansiedade. Uma vez que qualquer pessoa saudável *pode* sucumbir a uma enfermidade neurótica, segue-se que ninguém consegue jamais livrar-se, por completo, de suas antigas situações de ansiedade."

"objetiva" de perigo – só podia ser reduzida analisando-se, além do impacto da situação real, as várias ansiedades arcaicas por ela despertadas. Em muitas pessoas, a ansiedade excessiva oriunda dessas fontes levou a uma forte negação (defesa maníaca) da situação objetiva de perigo, que se manifestava numa aparente falta de medo. Era comum observar-se isso em crianças, fato que não podia ser explicado apenas pela sua percepção incompleta do perigo real. A análise revelou que a situação objetiva de perigo havia reavivado a tal ponto as ansiedades arcaicas, de natureza fantasiosa da criança, que a situação objetiva de perigo tivera que ser negada. Em outros casos, a relativa estabilidade das crianças, apesar dos perigos da época de guerra, não era tanto determinada por defesas maníacas quanto por uma modificação, mais bem-sucedida, das arcaicas ansiedades persecutória e depressiva resultando numa sensação de segurança, no tocante não só ao mundo interno mas também em relação ao mundo externo, bem como numa relação boa com os pais. No caso de tais crianças, mesmo quando o pai estava ausente, o reasseguramento obtido pela presença da mãe, e pela vida no lar, contrabalançava os temores provocados pelos perigos objetivos.

Essas observações tornam-se compreensíveis se lembrarmos que a percepção da criança pequena acerca da realidade externa e dos objetos externos é continuamente influenciada e colorida por suas fantasias, e que isso em certa medida continua ocorrendo pela vida afora. As experiências externas que despertam ansiedade ativam, de imediato, mesmo em pessoas normais, ansiedade proveniente de fontes intrapsíquicas. A interação entre a ansiedade objetiva e a neurótica – ou, em outras palavras, a interação entre a ansiedade que se origina a partir de fontes externas e a ansiedade que se origina a partir de fontes internas – corresponde à interação entre a realidade exterior e a realidade psíquica.

Ao avaliarmos se a ansiedade é ou não neurótica, temos de levar em conta um ponto a que Freud se referiu repetidas vezes: a quantidade de ansiedade oriunda de fontes internas. Esse fator está no entanto vinculado à capacidade do ego para desenvolver defesas adequadas contra a ansiedade, isto é, à proporção da força da ansiedade em comparação com a força do ego.

VII

Ficou implícito nesta exposição de minhas concepções que elas se desenvolveram a partir de um enfoque da agressividade que diferia substancialmente da tendência principal vigente no pensamento psicanalítico. O fato de Freud haver descoberto a agressividade primeiro como um elemento da sexualidade infantil – um acessório da libido (o sadismo), por assim dizer – teve o efeito de, por um longo período, o interesse psicana-

lítico se concentrar na libido, e a agressividade ser em maior ou menor grau considerada um auxiliar da libido[32]. Em 1920, deu-se a descoberta de Freud de que a pulsão de morte se manifesta sob a forma de impulsos destrutivos, operando em fusão com a pulsão de vida, e em 1924 seguiu-se a exploração mais aprofundada de Abraham sobre o sadismo na criança pequena. Porém, mesmo após tais descobertas, conforme se pode constatar a partir do conjunto da literatura psicanalítica, o pensamento psicanalítico continuou voltado predominantemente para a libido e para as defesas contra os impulsos libidinais, tendo, da mesma maneira, subestimado a importância da agressividade e suas implicações.

Desde o começo de meu trabalho analítico, meu interesse se centralizou na ansiedade e suas causas, o que me trouxe mais perto do entendimento da relação entre agressividade e ansiedade[33]. As análises de crianças pequenas, para as quais desenvolvi a Técnica do Brincar, sustentaram esse ângulo de abordagem, pois revelaram que a ansiedade em crianças pequenas só podia ser aliviada pela análise de suas fantasias e impulsos sádicos, com uma maior valorização do papel que a agressividade desempenha no sadismo e na gênese da ansiedade. Essa avaliação mais plena da importância da agressividade levou-me a determinadas conclusões teóricas, que apresentei no artigo "The Early Stages of the Oedipus Conflict" (1927). Nele proponho a hipótese de que – tanto no desenvolvimento normal da criança quanto no desenvolvimento patológico – a ansiedade e a culpa surgidas no decorrer do primeiro ano de vida estão estreitamente ligadas aos processos de introjeção e projeção, aos primeiros estágios do desenvolvimento do superego e do complexo de Édipo; e que, nessas ansiedades, são de suma importância a agressividade e as defesas contra ela.

Na Sociedade Psicanalítica Britânica, levou-se a cabo um trabalho adicional nessa linha, a partir de 1927. Nessa sociedade vários psicanalistas, trabalhando em estreita cooperação, fizeram numerosas contribuições[34] à compreensão do papel primordial da agressividade na vida mental, ao passo que, tomando-se o pensamento psicanalítico em geral, somente em contribuições esporádicas é que se evidenciou uma mudança de perspectiva nessa direção, nos últimos dez a quinze anos; todavia a freqüência delas tem aumentado ultimamente.

Um dos resultados do novo trabalho sobre a agressividade foi o reconhecimento da importante função da tendência reparatória, que é uma expressão da pulsão de vida em sua luta contra a pulsão de morte. Não só se teve melhor perspectiva dos impulsos destrutivos, como também lançou-se mais luz sobre a interação entre as pulsões de vida e de morte, e, por conseguinte, também sobre o papel da libido em todos os processos mentais e emocionais.

No decorrer deste trabalho deixei claro o ponto que sustento de que a pulsão de morte (impulsos destrutivos) é o fator primário na gênese da ansiedade. Ficou, no entanto, também implícito, na minha exposição dos processos que conduzem à ansiedade e à culpa, que o objeto primário contra o qual se dirigem os impulsos destrutivos é o objeto da libido, e que o que causa ansiedade e culpa é portanto a *interação* entre a agressividade e a libido – em última análise, a fusão, assim como a polaridade, das duas pulsões. Outro aspecto dessa interação é a mitigação dos impulsos destrutivos pela libido. Um nível ótimo na interação entre libido e agressividade implica que a ansiedade proveniente da perene atividade da pulsão de morte, embora jamais eliminada, é contrabalançada e mantida à distância pela força da pulsão de vida.

[32] Cf. o artigo de Paula Heimann (1952) em que ela discute esse viés teórico em favor da libido e a influência disso no desenvolvimento da teoria.
[33] Essa forte ênfase na ansiedade já estava presente em minhas primeiras publicações.
[34] Cf. a bibliografia anexada ao artigo de Riviere (1952).